

A análise mútua em Ferenczi: indicações

Chaim Samuel Katz

Será a análise mútua apenas um “expediente”?
Ou ela abre condições para pensar
certos aspectos menos evidentes de qualquer análise?

Trata-se aqui de seguir o que Ferenczi elaborou sobre o tema no seu diário clínico¹, mas questionando-o desde sua delimitação. Assim, não chegamos à conclusão similar à da prefaciadora do *Diário*, de que no limite a análise mútua deveria ser abandonada, pois seria “apenas um expediente (*Notbehelf*). Uma verdadeira análise, com alguém estranho, sem qualquer obrigação, seria melhor”². Dupont segue a afirmação ferencziana (estritamente freudiana) da necessidade de uma neutralidade rigorosa, enquanto nossas indicações indagarão acerca do que se pode construir com a chamada “análise mútua”, e não com a postulação de seu fracasso, enquanto

Chaim Samuel Katz - Psicanalista, autor de *Ética e Psicanálise* e outros livros.

desvio de uma teorização mais “ortodoxa”.

“A aparição da idéia de análise mútua é, de fato, uma extensão do relaxamento também ao próprio analista”, postula Ferenczi. Freud exige o relaxamento do analisando, através da regra da livre-associação; mas também pede a do psicanalista, pela atenção igualmente flutuante. O que, acrescentando à sua própria técnica de relaxamento, produziria o que Ferenczi denomina de “diálogo dos inconscientes”. O relaxamento se instala nas duas pontas da relação analítica, estabelecendo-se também uma *Gegen-Analyse*, uma “contra-

mas o psicanalista se tomaria demasiado artificial, não podendo confessar sua antipatia ou o cansaço pelo analisando. Ou seja, desaparecimento da transferência negativa, que é o que de mais importante há na técnica ferencziana. Enquanto se sabe, com Ferenczi, que revelar ao analisando a “intensidade” do “mais difícil” que ele traz à análise (por exemplo, dizer a um obsessivo que o analista se sente mal pago na medida de escutar tantas repetições), sempre foi a melhor via ferencziana; e esta via se sustaria na medida em que o fluxo não deve/não pode ser explicado, pois o ódio da infância retira energia

nas fixações (19/1/32). Tratar-se-ia, então, de revelar ao analisando seus próprios (do analista) sentimentos de angústia e culpa. Na interpretação, conduzir o *interesse* do analisando para o psiquismo sexual, e não para as relações sexuais. Jogo libidinal, e não relação sexual.

Contudo, resta a dificuldade de que, se o analisando consegue *conjunções* suficientes, tentará abandonar a análise. Ferenczi não explicita, mas anuncia o temor dos analisandos de experimentarem seu psiquismo menos estilhaçado (2/2/32). No limite, o relaxamento faria o fracasso da análise, porque nada garante que as representações do psicanalista sejam investidas pulsionalmente, e não enquanto comportamentos psíquicos secundários. Por exemplo, a analisanda que quer abandonar a análise, pois não pode receber amor e ternura do analista.

Contudo, desde a teorização primeira³, se a massa afetiva tem o primado dos *encontros*, se a pulsão também é criação desde a introjeção, “como pais e filhos, é preciso que médico e paciente se tornem reciprocamente independentes um do outro; a análise (mútua) tal como fora projetada pela paciente era, portanto, uma via indireta para se deixar curar, em acordo, de algum modo, com a realização de seu desejo, i.e. pelo amor e pela ternura” (24/2/32). Assim, *ternura* não é o oposto de hostilidade, mas a possibilidade da pulsão insistir sobre si mesma, e neste caso produzir afetos diferenciados. E na mutualidade pode-se produzir também - ao menos de modo temporário - a colocação do psicanalista no lugar de quem precisa ser escutado, o que permite o exercício das pulsões de domínio pelo analisando. “A angústia de ser analisado é a angústia de ser dependente” (29/3/32), o que se evitaria, em parte, através da mutualidade.

Dai a técnica específica: transformação da superioridade do analista em mutualidade, cuja maior di-

O silêncio do analista conduz à repetição de uma infância seca, à reprodução intelectual.

análise”. Porém, adverte Ferenczi, nesta “contra-análise”, na medida em que o analista deve elaborar suas próprias questões, parece como que “a cabeça e o pensamento tomam o lugar do coração e da libido” (12/4/32), isto é, se estabeleceria uma análise racionalizante.

Quando o psicanalista ocupa, temporariamente, o lugar de analisando, ao mesmo tempo em que relaxa, perde a autoridade e deve se “pessoalizar” excessivamente diante do outro. Por exemplo, contando a similaridade de seu inconsciente, neste diálogo mútuo, o analista deverá “se conter”, evitando sua própria transferência negativa. Há uma dissimetria entre ambos os relaxamentos,

da pessoa (17/1/32). Por outro lado, indiscutivelmente, a tarefa do analista fica mais “leve”, desde uma identificação libidinal. Ora, o temor de Ferenczi é de que, na mutualidade, as expressões do psicanalista passem apenas pelo registro racionalizante.

Deveria ser sempre assim?

Diferentemente de muitos de seus colegas, ele postula que o silêncio excessivo do analista leva à repetição de uma “infância seca”, conduzindo necessariamente à reprodução de ordem intelectual. As vias (em grego, *hodós*) da libido não se “resolvem” com a frustração; se a técnica não “abre o método”, caminho para, *meta-hodós*, a libido se detém

ficuldade viria do fato de que o psicanalista tem sempre inúmeros analisandos (31/3/32): quantas análises mútuas se podem suportar?

De qualquer modo, pela introdução da possibilidade da análise mútua, dão-se ao menos duas consequências especiais: “Nenhuma análise didática especial”, o que possibilita um “controle severo pelos pacientes”, do qual o psicanalista não deve se defender (3/6/32).

Daí outro tipo de conclusão, no registro da *transformação psíquica* dos analisandos (e, certamente, também dos analistas): transferência e contratransferência não são os prin-

para quantas análises “normais” um psicanalista deve praticar. E se isto deve eliminar a análise mútua, definitivamente, do campo exercício psicanalítico.

Na análise mútua as vias do fazer-se inconsciente não se movem mais pelos sulcos mnemônicos previamente determinados, mas pelo encontro das repetições. O inconsciente é um “se fazendo”, e não uma estrutura a ser reproduzida. O que aponta a dificuldade de um *topos* unitário do psicanalista, lugar este que girará sempre em torno do já-dado, e não da análise, onde o que rege é o múltiplo e variado. Com isto

um conteúdo separado – massa afetiva – (é ainda) um resto do especificamente humano”. (12/2/32). Ele nos indicará que, na situação da mutualidade: “1) o paciente em cujas mãos é colocado tal poder poderia fazer tudo para se livrar do desprazer, indiferente acerca de se isto prejudica o analisando, ou até mesmo o aniquila, 2) nos atos sádicos, que a análise propicia, o paciente encontra satisfações compensatórias” (1/5/32). A libido emerge de vários lugares, e não apenas do discurso lingüístico.

Através das indicações deste último caso (Orpha), poder-se-ão encontrar elementos para uma elaboração mais aprofundada das pulsões do analista e dos mecanismos de poder das instituições analíticas.

O analista não deve se voltar para sofrimento imediatamente visibilizado, mas para o modo libidinal.

cipais esconderijos e obstáculos do término da análise, e sim a situação traumática, a diferença originária do encontro de duas linguagens diferenciadas, de *a* criança e de *os* adultos. Só o interesse *verdadeiro, relaxado, libidinal*, é “que institui um contraste (*Gegensatz*) com a situação traumática”. Por aí passaria a questão do desejo do analista: não cuidar do sofrimento imediatamente visibilizado, mas se voltar ao modo libidinal. Diferentemente da análise didática ou da lógica matemática universalizante da transferência, *exprimir a análise em termos de libido* (18/6/32). Se no limite o psicanalista não suporta tantas análise mútuas, pergunta-se se isto não remete também

Ferenczi aponta para uma dissincronia permanente entre teoria e clínica, a primeira determinada pelas relações unívocas das construções epistemológicas, a segunda se expressando, emergindo, pulsionalmente.

E, especialmente, para a questão de que a psicanálise ainda se põe no campo das profissões, o que propõe dificuldades para a emergência das expressões libidinais e desejantes.

Finalmente, num caso importante de “esquizofrenia progressiva”, e que não podemos seguir, Ferenczi postulará a existência de registros diferenciados. Neste caso, a qualquer custo, o analista deverá se remeter mutuamente à vida da paciente, pois “o próprio sofrimento como

NOTAS

- 1) Consultam-se as edições francesas e alemã. Contudo, apontado-se as datas das anotações de Ferenczi, evita-se a citação de páginas, o que ajuda o leitor da tradução brasileira.
- 2) Citado por Judith Dupont, a partir do próprio Ferenczi: 3/6/32. A tradução francesa de *Notbe-helf* diz *pis-aller*. E o sentido desta última expressão, em francês, é “o que se aceita por não haver melhor”. De nossa parte, tentaremos outra via.
- 3) Por exemplo, ao fazer a crítica aos testes de Jung, Ferenczi mostra o primado dos afetos pulsionais: “Não é a palavra indutora que desencadeia a reação perturbada pelos complexos nos neuróticos, mas *são os afetos ávidos de descarga que vão ao encontro da palavra indutora*”. Ferenczi, Sandor (1909) “Transfert et Introjection”. in *Psychanalyse I*: 1908-1912, Paris Payot, 1968, p. 103. (meu grifo)